

Sumário

Editorial - p. 02

SEÇÃO BÍBLIA - p. 03

Bíblia e Migrações

REFLEXÃO - p. 04

Não à submissão ao trabalho escravo
Precisamos repensar a relação entre
trabalho e dignidade

VARAL DO SPM - p. 06

Pastoral dos Migrantes, no Piauí, em
ação desde os anos 90

Nasce, em março de 2019, o SPM
Santa Catarina

HISTÓRIAS DE VIDA - p. 08

Renata Perón

FIQUE POR DENTRO - P. 10

A migração interna da população trans

CULTURA E ARTE - p. 11

Padre Ernesto de Freitas Barcelos

BALAIO - p. 12



**Publicação Semestral do SPM –
Serviço Pastoral dos Migrantes**

Rua Caiambé, 126 – Ipiranga.
CEP 04264-060 – São Paulo, SP.

Fone: (11) 2063-7064

E-mail: spm.nac@terra.com.br

secretaria.spm.nac@terra.com.br

WhatsApp: 11 94863-9478

Site: www.spmnacional.org

Boletim SPM Informa:

www.spminforma.blogspot.com

Facebook:

www.facebook.com/pastoraldosmigrantes

YouTube: www.bit.ly/SPMcanal

Instagram:

www.instagram.com/pastoraldosmigrantes

Twitter: twitter.com/spmigrantes

O SPM é um organismo ligado à Comissão 8 da CNBB. Tem como objetivo central articular e dinamizar a Pastoral dos Migrantes em âmbito nacional.

Assinaturas:

Normal: R\$ 20,00

Apoio: R\$ 50,00

Exterior: US\$ 30,00

O pagamento pode ser feito através de cheque ao Serviço Pastoral dos Migrantes ou depositar na Conta Corrente 42777-5 da Agência 0644 do Banco Itaú, ou por vale postal à agência Ipiranga/SP

Conselho Editorial:

Ana Valim, Ana Carolina G. Leite, Ari José Alberti, daniel gorte-dalmoro, Espedita Macena de Andrade, Jairo Moura Costa, José Carlos Pereira, José Roberval Freire, Maria de Lourdes Bernartt, Mario Geremia, Miguel Angel Ahumada, Roberto Saraiva, Teresa Paris B. Holanda.

Imagem da Capa:

Patrícia Rivarola, do Grupo Folklórico Alma Guaraní, no Dia Mundial dos Migrantes, em foto de Luciney Martins/O SÃO PAULO.

Diagramação e Projeto Gráfico:

Fabricando Ideias Design Editorial

Impressão:

A. N. Gráfica – 3975 9262

Tiragem: 1.000 exemplares

Editorial

Amigas e amigos de caminhadas.

Você tem em mãos mais uma edição do nosso Boletim Vai Vem. Em vista dos 35 anos do SPM, a serem comemorados em 2020, o boletim está passando por algumas reformulações – assim como toda a comunicação.

No nível mais geral, seguimos com nosso boletim eletrônico mensal, o SPM Informa e estamos ampliando: inauguramos nosso novo site, estamos com nossas contas nas redes sociais (YouTube, Twitter, Facebook, Instagram), nossa mala direta de e-mails e nosso contato via WhatsApp (confira todos esses endereços ao lado). Temos também um logo comemorativo dos 35 anos!

Especificamente no Boletim Vai Vem, tentamos torná-lo mais atraente à leitura, diminuímos um pouco os textos, alteramos o “Varal dos Migrantes” para “Varal do SPM”, contando um pouco de experiências exitosas de nossas equipes pastorais. Estamos também tentando reforçar a ênfase na relação da migração com outros aspectos da vida.

Para este número 124, abordamos a migração forçada pela questão da transexualidade: a falta de acolhida, o bullying que impede que se termine os estudos, a dificuldade de encontrar trabalho, torna o grupo de homens e mulheres transexuais extremamente vulnerável, de modo que é comum se verem forçadas à prostituição para conseguirem sobreviver – mas esse caminho é antes por falta de opções que uma escolha livre. A história de vida de Renata Perón é um exemplo do quanto o acolhimento é fundamental na vida dessas pessoas.

Também tratamos da relação entre trabalho e migração: tanto do trabalho escravo, ligado diretamente à questão migratória,



Imagem: Edgar Salazar

como do próprio trabalho dito “normal”, que acaba muitas vezes sendo vendido como pré condição para que o migrante (assim como o local) seja tratado com dignidade – o quanto não vemos defenderem alijar pessoas de direitos fundamentais por pretensamente serem “vagabundos”? Que tipo de trabalho precisamos valorizar e estimular?

Na seção Bíblia, padre Alfredinho traça um paralelo entre a migração no tempo da Bíblia e agora; na seção Cultura, um poema do poeta e migrante angolano Moisés Tiago António, outro do Pe. Antônio Claret, e a letra do hino dos 35 anos, composta por Roberval Freire. No Balaio, pinceladas de notícias diversas.

Sobre o momento conturbado pelo qual passamos – no país, na América Latina, no mundo – convém nunca esquecer que depois do inverno vem a primavera, e que a crise é também o momento de oportunidade. Aproveitemos, então, com nosso trabalho, nossa fé e o trabalho conjunto com pessoas e grupos que partilham dos nossos ideais, ajudar a construir um mundo novo!

Seguimos com alegria com nossa caminhada!

Bíblia e Migrações

Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS

Há duas maneiras de abordar o tema *Bíblia e Migrações*. A primeira é escolher alguns textos bíblicos, onde se fala explicitamente de deslocamentos humanos, e refletir a realidade atual dos movimentos migratórios, a partir de tais referências. A segunda, é tentar uma releitura de toda a Bíblia na perspectiva do Povo de Deus a caminho, desde o patriarca Abraão – “um arameu errante” - até a experiência das comunidades cristãs, nos primeiros séculos de nossa era.

A partir desse pano de fundo mais abrangente, em que toda a Bíblia é lida na perspectiva das migrações, vamos ver a Primeira Carta de Pedro.

Carta de Pedro

Um lar para quem não tem casa é o título conferido pelo comentário da Edição Pastoral da Bíblia, Paulus, à primeira carta de Pedro (1Pd). Segundo ele, a carta foi escrita “aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (1Pd 1,1). É também o título do estudo clássico de J.H. Eliot¹. Quem é o autor da carta, quando foi escrita e quem são seus destinatários?

Conforme estudiosos e biblistas, não se trata de uma carta do apóstolo Pedro, mas de uma homenagem que o autor faz à sua figura. Diz Paulo Nogueira que “no mundo antigo era comum um autor se apoiar no nome de uma grande personalidade do passado. Fazia isso para buscar aceitação para o seu escrito e para mostrar sua ligação com esse mestre. Esse tipo de autoria se chama *autoria pseudônima*”².

A carta foi escrita entre os anos 60 e 100 de nossa era, e dirigida aos *estrangeiros* que viviam nas comunidades da Ásia Menor, com a finalidade de prepará-los para um período de grandes provações e de perseguição. Sua mensagem procura reforçar uma espiritualidade de resistência entre os cristãos migrantes.

Voltando ao comentário da Edição Pastoral da Bíblia, vejamos como são definidos os destinatários da carta: “são migrantes que vivem fora da pátria, seja porque partiram em busca de trabalho para sobreviverem, seja porque eram escravos comprados que per-



Imagem:
Rodrigo Borges Delfim/
MigraMundo

maneciam na casa de seus senhores, longe do local de origem. Esses cristãos tinham deixado suas raízes, os parentes e amigos e se encontravam em situação de isolamento em regiões que não lhes davam o aconchego e acolhida que tinham na própria terra. Sofriam humilhações, injúrias, perseguições por serem escravos e cristãos”.

Como é fácil perceber, as características descritas nos parágrafos anteriores coincidem, em grande parte, com a situação concreta dos migrantes nos dias de hoje: a perda das raízes e das referências, a luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida, a insegurança longe da própria terra e da pátria, os problemas enfrentados no dia-a-dia, o preconceito e discriminação de que são alvos fáceis. Os comentários de Alberto Antoniazzi, sobre o mesmo texto, também ressaltam os conflitos desses cristãos estrangeiros com a sociedade em volta, bem como a necessidade da união entre eles como forma de resistência.³

De acordo com Paulo Nogueira, “a primeira carta de Pedro oferece a esses desabrigados de fato e de direito uma casa, um abrigo, um referencial, um lugar onde se sentir em família, entre irmãos. Essa casa é a comunidade”⁴. Claramente a noção de casa/família reporta-se aqui ao conceito de pátria.

1 ELIOT, J.H. *Um lar para quem não tem casa*. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro, Ed. Paulus, São Paulo, 1985.

2 NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *As Cartas de Pedro. O Evangelho dos sem-teto*. Série “Como lera a Bíblia”, Ed. Paulus, 2002.

3 ANTONIAZZI, Alberto. *A saída é... ficar. O conflito dos cristãos com a sociedade segundo a primeira carta de Pedro*. Estudos Bíblicos nº 15, Ed. Vozes, Petrópolis, 1987.

4 NOGUEIRA, *ibidem*.

Não à submissão ao trabalho escravo

Jairo Moura Costa

Estamos em meio a uma série de movimentos, não combinados, sem sintonia, mas muito relacionados entre si, e com o serviço que fazemos junto aos migrantes. Dentro do aspecto da mobilidade humana, tudo está inter-relacionado. Refugiados, apátridas, imigrantes, migrantes internos – apenas para citar alguns – são ao mesmo tempo pessoas em movimento.

Todas as categorias de pessoas em movimento em sua essência estão à procura de oportunidades de uma vida melhor. As vezes vulneráveis, fragilizados, se submetem a condições subumanas para se manterem vivos. E assim percorrem o seu caminho.

No Brasil o assunto de destaque na questão da mobilidade humana sem dúvida são os refugiados venezuelanos, como foi em um tempo não muito longe os haitianos. Nos preocupamos tanto com a acolhida, com a interiorização, com a capacitação profissional, que muitas vezes nos esquecemos de fazer alguns alertas aos nossos irmãos que aqui chegam.

A chegada ao Brasil é uma oportunidade de ouro para aqueles que exploram o seu próprio irmão. São inúmeras as propostas de trabalho que muitas vezes se parecem irrecusáveis. Mas são apenas propostas, nas quais, se aceita, entra-se por portas que se fecham, e que não se sabe quando abrirão.

Propostas feitas de forma sutil, como se fosse um presente enrolado em um papel vistoso, chamativo, que desperta a curiosidade de ser aberto. Os oportunistas e exploradores de mão de obra humana são quase invisíveis, e estão travestidos de uma índole inquestionável, pois estão acima de qualquer suspeita. Lobos fantasiados de cordeiro, à espreita com suas armadilhas, prontos para devorar as suas presas, que no caso em questão, são frágeis e vulneráveis.

Como se nota o assunto aqui trata até agora daqueles que estão em movimento, mas que chegaram ao Brasil vindos de outras terras. Porém esta realidade de propostas irrecusáveis também ocorre com aqueles que estão nos movimentos de mobilidade internos no país. É a escravidão moderna. O mundo do trabalho hoje, com sindicatos enfraquecidos, legislação trabalhista flexível, onde acordos coletivos não necessariamente se sobrepõe ao individual. Hoje não se tem mais com tanta frequência a figura do gato – agenciador de mão de obra – nas ofertas de emprego. As propagandas surgem até nos sites oficiais das empresas, ou até em órgãos públicos. Onde iremos chegar? Que estratégias montar para que o trabalhador/migrante ou em movimento, não seja explorado, e tenha um trabalho digno e em condições dignas?

Imagem retirada da internet



Como combater o preconceito que se criou sobre a mão de obra “desqualificada” sobrando no país? Por que nossos empresários – supostamente donos do capital – geradores de emprego, insistem em não investir ou assumir o custo social do trabalho remunerado? Por que a reforma da previdência social proposta não é de forma justa, pois algumas categorias continuam a ter privilégios? Por que a reforma da previdência fez a opção por apenas beneficiar o patrão, nas contribuições sociais? Por que a classe política continua com regalias para sua aposentadoria, se a política não é profissão, mas, função?

Muitas perguntas, pouco debate e, por conseguinte, poucas respostas. Estamos à deriva, e os ventos não existem. Olhamos para o horizonte e não enxergamos sinais. O que nos resta? Resta-nos a solidariedade, a partilha, a compaixão, a misericórdia, e sobretudo a esperança. O povo em movimento se alimenta e segue confiante. A escravidão não é a única opção. A exploração da mão de obra, ou um trabalho indigno não é o que queremos e não podemos nos submeter.

Caminhar é preciso. Sem fazer o caminho não se alcança objetivos. Não se vence as batalhas. É no campo do trabalho, é em movimento que se conquista espaços, que se alcança objetivos, que se vence lutas contra preconceitos, exclusões, xenofobia e a invisibilidade. Acomodar é a pior opção. Embora estando à deriva, sem ventos, e tudo pareça conspirar contra a vida, se submeter ao que se pode chamar de desistência da dignidade, pois humanos somos, ainda não é só o que nos resta. Temos opções. Escolher qual é a mais indicada, vai exigir reflexões, diálogos claros e transparentes. Luzes se acendem e iluminam nosso caminho. Não caminhamos sós. Só com união de verdade de todas as forças que trabalham pelo e com os que estão em movimento, é que os obstáculos serão vencidos e as portas serão abertas.

Sigamos em frente. Mãos no arado. Sem olhar para trás. O passado é passado, o presente é presente, mas o futuro nós ainda o estamos por construir.

Precisamos repensar a relação entre trabalho e dignidade

daniel gorte-dalmoro

Nós que trabalhamos com migrantes e migrações não raro nos deparamos com a questão do trabalho e do emprego em algum momento: seja no motivo que levam as pessoas a migrarem, seja no local de chegada, como forma de inserção na sociedade e reestruturação da nova vida. É comum o discurso em que se associa conseguir um trabalho com ganhar “dignidade”: é o que se reproduz comumente na grande mídia e acabamos por repetir acriticamente. É sobre esta vinculação que pretendo problematizar um pouco aqui.

Vivemos numa sociedade capitalista e baseada naquilo que os teóricos chamam de “trabalho alienado”, isto é, um trabalho que não se busca satisfação pessoal com ele – trabalha-se pelo dinheiro, e então, com o dinheiro, busca-se, se possível, alguma satisfação pessoal –, nem mesmo é de grande serventia para a sobrevivência da humanidade: a maior parte do trabalho atual serve para valorizar o capital, criar dinheiro, e não para questões de sobrevivência – e dignidade.

Vivemos numa sociedade da abundância e não da escassez: se houve um tempo em que o risco da fome assolava a humanidade, por conta de qualquer catástrofe natural, hoje há comida suficiente para todos e logística suficiente para distribuí-la – ou seja, a fome é uma opção política. A distribuição de renda, outra escolha política: os 2.153 bilionários do mundo, segundo a revista Forbes, possuem cerca de R\$ 35 trilhões (35.000.000.000.000,00), que se fossem distribuídos igualmente entre as 3,4 bilhões pessoas que vivem na pobreza (que ganham menos de R\$ 400,00 por mês), daria mais de R\$ 10.000,00 para cada. Não se enriquece trabalhando: um trabalhador que recebe dez salários mínimos por mês precisaria trabalhar mais de 600 mil anos (ou, como ninguém vive tanto, a família precisaria de 26 mil gerações) para alcançar a maior fortuna do Brasil. O *Homo sapiens*, dizem os cientistas, tem 300 mil anos.



Cena de “Tempos Modernos”, de Charlie Chaplin, 1936

O que quero dizer com todos esses números? Apenas reforçar aquilo que Papa Francisco tem dito com mais propriedade: não trabalhamos pelas necessidades da humanidade, mas do sistema econômico. Poderíamos todos trabalhar muito menos e viver bem, mas o sistema nos obriga: ou nos sujeitamos a um trabalho alienado, ou passaremos necessidades, mesmo vivendo em meio à abundância. O sistema precisa do trabalho humano porque é ele que cria valor extra aos produtos, é ele quem gera o lucro – uma máquina apenas reproduz valor, não cria. Mesmo o trabalho bem remunerado é uma forma de exploração, cuja finalidade é aumentar os lucros dos capitalistas. É essa escassez socialmente e mundialmente construída que gera boa parte dos fluxos migratórios atuais.

Claro, há diferenças entre um analista que trabalha numa sala confortável e ganha R\$ 20 mil e um pedreiro que ganha R\$ 1.400,00, ou uma prostituta, que está vulnerável a todo tipo de violência; mas no fundo são todos trabalhadores explorados – não por acaso há muitos trabalhadores que ganham bem e ainda assim são profundamente infelizes, porque gastam um terço ou mais do seu dia fazendo algo que não gostam e que sabem que não traz benefício

nenhum para a humanidade. Vale lembrar: no século XIX, os trabalhadores, com suas lutas sindicais, conseguiram limitar a jornada a oito horas diárias, e ainda assim o lucro dos patrões seguiu crescendo. Quase duzentos anos depois e uma enorme evolução tecnológica, em que há máquinas para fazer grande parte dos serviços, seguimos com oito horas de trabalho diário, deixando pouco tempo para que as pessoas se dediquem à sua existência.

Não podemos virar as costas para a sociedade e negar a necessidade do trabalho alienado imposta pelo sistema para nossa sobrevivência. Precisamos, porém, começar a questionar o porquê dessa necessidade, contrapondo o trabalho não alienado, isto é, aquele trabalho feito pelo prazer daquilo que é realizado. Mais que isso: precisamos desvincular a dignidade de uma pessoa do fato de ela estar trabalhando, de ela ser “útil”. Útil é martelo, é computador, é geladeira. Uma pessoa é uma pessoa, e isso, nos ensina Cristo, é condição mais que suficiente para que ela seja digna. A dignidade humana não deve estar vinculada a nenhuma pré condição, e é dever da sociedade e do Estado garantir essa dignidade mínima, não importa qual sua origem ou quais suas habilidades.

Pastoral dos Migrantes, no Piauí, em ação desde os anos 90

Na década de 1990, para fazer frente ao desemprego e à seca que geravam um intenso fluxo migratório, o então Arcebispo de Teresina, Dom Miguel Fenelon Câmara, trouxe a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos. As irmãs Felícita Maria Rossete, Clotilde Pelegrini, Liette Feichio chegaram em 13 de agosto de 1992, acompanhadas pela Supervisora Provincial, Amélia Pedó.

Começava, assim, os trabalhos de acolhimento aos migrantes e às demais pessoas necessitadas de apoio e ajuda nas comunidades. Entre as ações de destaque, o trabalho nas vilas Amazônia e Santa Maria de Jesus, que foram ocupadas por migrantes e teresinenses que não tinham onde morar. Lá o SPM levou a presença da igreja com a evangelização e atendimento a questões de saúde, educação, registros de crianças, documentações.

Entre os anos 1995 e 1998, contribuímos com universidades locais para realizar uma pesquisa sobre as Condições Socioeconômicas do Migrante de Periferia da cidade de Teresina.

Na luta pela terra, na Arquidiocese de Teresina foram criados três assentamentos para migrantes, que abrigam 65 famílias cada: Projeto Cebola, Passagem de Santo Antônio e Puçazeiro.

Foi criado também o Fórum de Erradicação do Aliciamento e de Prevenção e Combate ao Trabalho Escravo no Piauí (Projeto Educar para Libertar).

Com a chegada dos indígenas venezuelanos surgiu uma nova experiência com imigração no estado. O SPM está na luta junto com outras entidades e instituições públicas para o acolhimento, proteção e integração destes na nossa sociedade, trabalhando a cultura, a língua e a busca por trabalho.

Sem a presença das religiosas a caminhada para o SPM ficou um pouco difícil, mas a equipe se manteve forte e comprometida, e dá prosseguimento à missão. Continuamos com o atendimento na rodoviária aos migrantes que chegam e saem, trabalhando a formação, realizando as visitas missionárias, participando das lutas sociais e do Fórum das Pastorais Sociais.



Fotos enviadas pelo SPM PI



Fotos enviadas pelo SPM SC

Nasce, em março de 2019, o SPM Santa Catarina

O Serviço Pastoral dos Migrantes de Santa Catarina (SPM SC) surgiu através das articulações entre Roberto Saraiva (SPM Nacional), Arivaldo Sezyshita (SPM NE), e Pe. Mário Geremia (SPM RJ), no Regional Sul 4 da CNBB. O acolhimento em Santa Catarina foi feito pelo secretário executivo da CNBB, Pe Luciano dos Santos e Carla O. Guimarães, responsável pela articulação das Pastorais Sociais.

A partir desses encontros constituiu-se, em março de 2019, o SPM SC, sendo Pe. Marcos Bubniak, cs, articulador regional e mais dois colaboradores. Para a efetivação do serviço, o mesmo regional concedeu uma sala com suficiente espaço para a sede em Florianópolis.

Com isso, viabilizou-se muitas articulações com as Pastorais dos Migrantes em várias dioceses, em algumas delas esse trabalho já era feito e em outras estavam iniciando. Além disso, o SPM SC ganhou e vem ganhando visibilidade em outros âmbitos da sociedade civil e entidades públicas, através de reuniões, capacitações, aulas de português aos migrantes, missa em espanhol, doações, entre outras parcerias.

Com esses trabalhos citados o horizonte agora é superar os desafios da migração: acolhendo, protegendo, promovendo, integrando e celebrando.

Na internet: www.spm-sc.com

Renata Perón, uma “artista” trans

Chegar aos 42 anos não deixa de ser uma vitória para a assistente social, ativista e cantora Renata de Moraes Pessoa, mais conhecida pelo nome artístico de Renata Perón. Paraibana de João Pessoa, migrante não apenas no espaço geográfico, ela lembra que a média de vida de uma mulher trans no Brasil é de 35 anos – a morte prematura, por assassinato ou suicídio, costuma ser a coroação de uma vida vivida sem acolhida e sem reconhecimentos, da família, da igreja, do Estado, da sociedade.

Oriunda de uma família de 13 irmãos (dos quais seis ainda estão vivos), aos sete anos viu sua mãe, numa crise de depressão pós-parto, se suicidar ateando fogo em si própria – é a única lembrança que tem dela. Viveu na casa de parentes até os doze anos, quando passou a morar com uma família de três senhoras amigas. Sofreu, por parte dos filhos e netos das senhoras, muito preconceito por ser então um “menino afeminado”, e acabou tendo que sair da casa, sob ameaça de morte de um deles. Buscou abrigo junto a um irmão, em Juazeiro, na Bahia, mas foi recusada, também por conta de sua orientação sexual. Rejeitada pela família, sem ter para onde ir, foi acolhida por Maria de Fátima, a quem considera sua mãe de formação. Conseguiu terminar o ensino médio e trabalhou como atriz e cantora. Foi atuando como drag queen em shows que passou a perceber mais claramente que não era um homem gay, mas algo diferente – começou, muito lentamente, a se descobrir, a dar-se conta de sua identidade de gênero. “Mulher trans não é simplesmente se vestir de mulher, é algo que vem de dentro para fora, não de fora para dentro”. Ela conta que desde criança nunca esteve muito bem adequada no corpo masculino, sem conseguir entender o porquê: gostava de brincar de boneca e coisas socialmente atribuídas a menina.

Mudança para São Paulo, ataque transfóbico e engajamento político

Aos 27 anos se mudou para São Paulo, que ouvia ser a “terra das oportunidades”. Veio para a capital paulistana na esperança de poder se expressar mais livremente, menos cerceada pelo conservadorismo e pelas fofocas de uma cidade do interior. Queria tanto ser reconhecida como artista, como poder viver sua vida pessoal livremente, sem risco iminente de ser morta por não ser um “cabra macho”, por ser uma transexual. A realidade não tardou a mostrar que São Paulo estava longe de ser o que imaginava: não foi assassinada por pouco, mas tem no corpo as sequelas de um ataque transfóbico, quando, em 2007, nove pessoas agrediram a ela e a um amigo quando iam comer um lanche, na praça da República, na região central: no ataque, perdeu o rim direito. Perdeu, também, de vez, o medo de afrontar a discriminação que sofria e o descaso com que o Estado tratou seu caso – como tantos outros de agressões a pessoas, simplesmente por serem gays, lésbicas ou transexuais.

São Paulo, ela reconhece, acabou dando maior abertura – até por ter muita gente na mesma situação – de se organizar e de ter alguma acolhida, sem necessidade de mentir sobre quem é – no seu caso, fingir ser o homem que não é. Desde o ataque, se engajou no ativismo e na política: em 2015 fundou, com outras cinco amigas, a ONG CAIS, Centro de Apoio e Inclusão Social para Travestis e Transexuais, que manteve até 2019; em 2018 foi candidata a deputada federal pelo PSOL, obtendo 13 mil votos. Hoje, gosta de se declarar uma “artista”: artista e ativista.

Renata sabe que tem uma condição privilegiada, por ter tido uma acolhida familiar – mesmo que não pela sua – quando foi expulsa de casa. Com o amparo de Maria de Fátima quando mais precisava, conseguiu suportar o bullying na escola – tem a cicatriz de uma pedrada de um colega – e concluir seus estudos regulares, sem precisar se prostituir – em geral uma das únicas, quando não a única oportunidade de ganha-pão que é oferecido a uma pessoa trans, com toda a violência e coação que costuma envolver a relação com cafetões, cafetinas e outras pessoas que se aproveitam da vulnerabilidade de certos grupos, como das travestis e transexuais, para a exploração sexual. Em São Paulo, trabalhou como cabeleireira, vendedora de cosméticos, recepcionista de escola de teatro.



Atualmente, além do ativismo político, trabalha como recepcionista na sua área, no Centro de Cidadania LGBT Luana Barbosa dos Reis, na Casa Verde, zona norte de São Paulo, e investe em sua carreira como artista: tem quatro discos e um DVD gravado, atuou na série Rotas do Ódio, da Universal TV. Morou por anos numa ocupação, no centro da cidade, perto de seu antigo trabalho – opção que escolheu quando teve que decidir entre ou pagar a faculdade ou pagar o aluguel, e depois para juntar dinheiro para comprar seu próprio apartamento, onde atualmente reside. Ela rechaça quem diz – geralmente ligados a grupos conservadores religiosos – que transexuais querem privilégios: “tudo o que eu quero é ter meus direitos respeitados, eu quero ser aceita enquanto pessoa, cidadã, brasileira, pagante dos seus impostos, votante, eleitora; é pra isso que eu luto e é por isso que eu fico nessa batalha”.

Dois vezes migrante

Renata teve que migrar para poder ser quem realmente era – mudar para São Paulo foi praticamente uma migração forçada. Mas isso permitiu uma segunda migração: além de localidade, a de identidade: assumir ser uma mulher nascida em um corpo de homem – essa migração do sexo posto biologicamente para a identidade de gênero, que envolve muitas e complexas questões psicológicas e sociológicas – não foi um processo fácil para Renata, ainda mais numa época em que esse assunto era um tabu ainda mais forte, sempre associado à ideia moralista de que “traveco” é alguém degenerado e sem-vergonha, que rejeita a Deus – uma pessoa pela metade, que por isso não merece dignidade e os mesmos direitos das demais pessoas, inclusive, para muitos, não merece sequer o direito de estar viva. “Hoje, em 2019, crianças e adolescentes de 12 anos, diferentemente de mim, não estão sós, tem a quem recorrer. Não digo em todo o Brasil, mas capitais e algumas cidades maiores já há atendimento para meninos e meninas trans que querem fazer hormonoterapia; que tem um grupo de mães que está se organizando pelo Brasil afora, chamado Mães pela Diversidade, que são mães que aprenderam a amar seus filhos como eles são, e dão palestras e apoio para aquelas mães que ainda renegam seus filhos. Essas mães estão para acolher e ensinar que o que está na Bíblia deve ser levado na prática: amar acima de qualquer coisa, sem deixar o preconceito prevalecer”. Ela gosta de salientar a importância do amor – esse amor ensinado na Bíblia por Jesus –, que acolhe a todos e todas, sem discriminação: “num mundo onde semeiam ódio, precisamos trazer a palavra e os gestos de amor”. Isso vale, inclusive, para os pais: “se você ama seu filho, não jogue seu filho na rua, porque a rua não vai dar bons frutos a ele”.

Sobre a transexualidade

Todos nós temos fantasias a respeito de nosso corpo e é importante que nosso corpo faça sentido em nossas fantasias para que seja possível aceitar esse corpo.

Isso passa pelas questões de gênero.

Quando estamos diante de um sujeito transexual estamos diante de alguém cujo corpo não faz sentido a ponto de ser impossível conviver com ele. Daí a necessidade de transformá-lo num corpo desejado e cuja identidade possa ser reconhecida.

Não se trata aqui de falta de vergonha, de falta de caráter ou doença. Trata-se de impossibilidade de reconhecimento de identidade própria.

Renata Zancan é psicanalista.



A Renata nas redes:

Facebook: www.facebook.com/renataperonn/

Instagram: www.instagram.com/renataperonoficial/

YouTube: www.bit.ly/RenataPeron

A migração interna da população trans

Eduardo Luiz Barbosa (Filósofo e Coordenador do CRD e GPV/SP) e Paulo Barroso (Linguista e Técnico Especializado do CRD)



O Centro de Referência e Defesa da Diversidade – CRD é um serviço mantido a 11 anos pelo Grupo Pela Vida/SP – GPV/SP, hoje conveniado com a prefeitura de São Paulo, através da SMADS. No CRD atendemos a população LGBTI+ em situação de vulnerabilidades ampliadas, grande parte dela sendo composta por pessoas transexuais e travestis. Uma das questões centrais com a qual nos deparamos é a da migração desta população, especialmente as travestis e homens e mulheres transexuais que buscam na grande cidade oportunidades para vivenciar sua identidade de gênero sem as amarras e dificuldades experimentadas em suas cidades natal, porém, aqui em São Paulo encontram também grandes dificuldades.

Identificamos a partir dos nossos atendimentos que a saída dessas meninas de seus locais de origem está muito relacionada com aspectos da violência transfóbica praticada tanto no ambiente familiar como social. Em casa, nas escolas, nas igrejas e até mesmo em locais de socialização, o processo de percepção, transição ou vivência de uma identidade de gênero diferente causa muito sofrimento, o que as leva a buscar outro local de moradia, onde possam minimamente diminuir estas agressões.

Porém, na grande cidade, a ampliação das possibilidades de vivência não garantem que elas tenham se afastado das violências que enfrentavam antes da migração, pois grande parte delas chegam em São Paulo sem nenhuma base emocional, social ou financeira e acabam caindo na mão de pessoas que, por exemplo, as exploram na cafetinagem.

Nem todas buscam na prostituição meios para superar a questão de obter ren-

da, mas a maioria enfrenta dificuldades de obter moradia, trabalho e um convívio social. Muitas acabam ficando em situação de rua, com subempregos e sem amigos ou familiares por perto.

Tanto nas suas cidades de origem como na grande cidade, a violência se dá de forma velada em atos e palavras, brincadeiras e piadas, podendo chegar ao extremo da violência física que ocasiona a morte.

O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTI+, especialmente trans, cuja expectativa de vida é de apenas 35 anos. Os suicídios envolvendo essa população são frequentes e pouco tratados. Individualmente ocorrem conflitos internos e de culpabilidade por se sentirem diferentes, e no entorno dessas pessoas, ou seja, na sociedade em geral, há as questões programáticas e institucionais, os vazios de políticas e serviços para atender as mais básicas necessidades, e a grande carga de estigma e preconceito. Todos esses fatores inter-relacionados ampliam as vulnerabilidades.

Relatos de usuárias do CRD ilustram e comprovam essas realidades enfrentadas:

Eu limpava um salão de beleza [em Fortaleza], apareceu um dia uma bixa de São Paulo, a Ester, que me disse, mulher vamos pra São Paulo, eu tenho um trabalho pra você, e eu confiei [...] pra sair do hotel a gente tinha que olhar antes e ver se tinha viatura passando ... aí o táxi já estava na porta e a gente saía e entrava no carro correndo, e ela me levou pra avenida Indianópolis, me colocou debaixo de uma árvore e falou, seu emprego é esse aqui, aí eu entrei em pânico, porque eu ainda não sabia o que era prostituição, aquele monte de homem parando, carro passando [...] eu já estava com 16 anos, minha primeira colega de trabalho foi a Andréa Carão, ela me viu encolhida ali e me avisou que os alibã estavam chegando, eu não sabia o que era alibã, polícia eu sabia, mas não liguei uma coisa a outra, não corri, eu não estava entendendo nada, mas sabia que eu não tinha feito coisa errada, tinha acabado de chegar [...] daí levei uma coça, logo na primeira noite, antes

de trabalhar. Eu fiquei com ódio daquela bixa, mas no outro dia ela insistiu, falou você vai, tem que ir, eu pensei, quem tá na chuva é pra se molhar, eu já tô aqui mesmo, pra quem passava fome no nordeste, e eu já tô em São Paulo, tá ótimo, fui. (D. – 64 anos, travesti, prostituta atuante, cearense, migrou para São Paulo em 1979).

[...] desisti da escola por causa disso, eu tinha 8 anos e levei uma surra que a professora mandou os meninos me bater, mesmo [...] falei pra minha mãe que eu não ia mais, e passei a limpar quintal, varrer as casas pra ganhar um trocadinho [...] com 17 anos eu vim pra São Paulo quando minha mãe morreu, vim morar com minha irmã que já morava aqui e era casada [...] comecei trabalhando de faxineira na vizinhança da minha irmã, eu pagava pra ela, pra morar. Um dia meu cunhado me bolinou, eu contei pra ela, e ela me expulsou. Fui pra casa de um outro irmão, era 1989, meu irmão me colocou pra dormir no chão frio, perto do portão, mas isso pra mim já gerou proteção, porque era pro lado de dentro, eu já não estava mais na rua, e tinha lençol, tinha cobertor. (P. – 47 anos, travesti, presta serviços de limpeza predial, baiana, migrou para São Paulo em 1989).

A superação desse conjunto de situações desfavoráveis tanto nos locais de origem como nos grandes centros precisa ser enfrentada com políticas mais efetivas, tanto na esfera federal, quanto nos estados e municípios. Ações afirmativas e que deem oportunidades de cidadania plena devem ser implementadas. A sociedade, a família e os serviços precisam combater a transfobia, e os discursos de ódio precisam ser substituídos pelo respeito às individualidades e sentimentos das pessoas.

Para entrar em contato:

CRD – Centro de Referência e Defesa da Diversidade
Rua Major Sertório, 292/294
Vila Buarque – São Paulo/SP
Tel.: (11) 3151-5786 e-mail: crd@crd.org.br

Padre Ernesto de Freitas Barcelos



Pe. Ernesto de Freitas Barcelos faleceu na manhã de 27 de julho de 2019, aos 63 anos de idade, em sua terra natal, Pitangui, Minas Gerais. Foi vitimado pela leishmaniose, que adquiriu fazendo missão no norte do Brasil. Apoiador da Pastoral dos Migrantes, CPT, Cebs, movimentos populares, tinham muito gosto de conviver com as pessoas camponesas, ouvir suas denúncias, partilhar seus sonhos e lutas. Um padre do povo, ambulante, peregrino. Participava de missões populares, cursos e círculos bíblicos, na perspectiva da leitura popular e orante da Bíblia, na qual Deus caminha com seu povo e o liberta da opressão e escravidão.

Padre Ernesto continua seu profetismo nas comunidades que deixou – ele ressuscitou com Cristo e vive na caminhada do seu povo! Deixa muita saudade no meio de nós.

Pe. Ernesto vive! (Música de Roberval Freire)

Vem de caminhadas, ele está na sua porta
Ele andou bastante
Ver o povo é o que importa
Leva pouca coisa: um embornal e uma lembrança
Vem de camiseta, de chinelo e esperança
É um padre amigo, sem riqueza e sem poder
- Ele denuncia, ao ver o seu povo sofrer (bis)
Ouve o tempo todo o grito desta multidão.
Sempre esperando o Deus da libertação.
Sempre disse não ao poder do capital
Das mineradoras, que fizeram tanto mal
No meio dos pobres faz a sua comunhão
- Momento de festa, Tudo é celebração (bis)
Não veremos mais o teu sorriso e abraço,
Longas caminhadas, motivo do seu cansaço
teu olhar, tua fala
teu jeito de celebrar
meu amigo Ernesto
que saudade foi deixar
Mas está presente – o teu sonho não morreu!
- No ressuscitado você já apareceu! (bis)

No YouTube: www.bit.ly/vaivem124ernesto

Na porta do céu

(Poema de Padre Antônio Claret)

Tira esse avental
E entra logo Ernesto
Camarada justo e fiel
A casa é tua
Descansa
E não me leves a mal:
Da voz rouca
Da pouca saúde da perna
Da viagem breve
Do peso (leve)
Do preço (caro) da coerência
E da licença pra partir.

Sou Imigrante

(poema de Moisés Tiago António.

Site no FB: <https://www.facebook.com/ansia77/>)

Sou Imigrante dalém
Lá do outro lado do oceano
Forçado a abandonar o país
Sim o país de origem
Que há séculos venho lutando
Querendo viver
Batendo as portas nunca descerradas
Sempre encerradas
Não tenho terra
Lá de onde eu venho
Do qual vós chamais
ou dizeis ser minha terra...
Eu era igual uma flecha
Querendo ir pra frente
Eu era cada vez mais puxada pra trás
Com mais força!
E de tanto me puxarem
Fui lançada veementemente
Para atingir o alvo
E vim aqui parar!
Sou Imigrante
Não tenho terra
Tudo é terra
Não importa se aqui ou lá!
Quem dera que não houvessem fronteiras!
Quem dera que não houvessem leis
Leis essas que nos prendem, Separam,
Hostilizam, injuriam e abalam!
Oh, se não houvessem fronteiras
Divisões geográficas
E que todos os homens fossem só homens!
Sem distinção de cores, raças, nacionalidades!
Que culpa tenho eu em ser Preto ou branco?
Cristão ou muçulmano? Hindu ou Budista?
Judeu ou Samaritano?
Se talvez as raças negra ou branca, não existissem!
Na verdade, não existem
O que apenas existe é...
Raça humana!
Sou Imigrante, emigrante, migrante
Resistente, com força pra viver, almejando viver
Sou resistível como um Leão da África
Tenho garras de um falcão do mato
Sou persistente como a onda móvel
Porém, me respeitem!
Só quero viver a vida...
Porque a terra é nossa, de todos nós
Feito por Deus e entregue à todos os homens
Não importa se aqui ou lá!

Balaio

Sindicatos de Florianópolis, SC, filiados à UGT abraçam a causa dos migrantes. A iniciativa é uma tentativa de unir forças na luta por vida e trabalho dignos, superando divisões territoriais. [www.bit.ly/SPM0097]

Em 2018, o Brasil concedeu 36.384 carteiras de trabalho a imigrantes que solicitaram ou obtiveram o status de refugiados no país. O número, além de ser o maior registrado desde 2010, representa quase a metade do total de 76.878 carteiras emitidas entre 2010 e o ano passado. [www.bit.ly/SPM0090]

Aconteceu nos dias 13 e 14 de agosto, a 6ª Marcha das Margaridas reuniu 100 mil pessoas em Brasília. Foi a culminância de um processo de discussão e formação política que mobilizou outras milhares de pessoas ao longo do ano, em eventos realizados em mais de 4 mil sindicatos em todo o país. [www.bit.ly/SPM0084]

Com o endurecimento nas políticas migratórias no Chile, o Brasil volta a ser destino de haitianos. Eles entram por Corumbá, e muitos se estabelecem em Campo Grande, MS [www.bit.ly/SPM0079]

Em Bento Gonçalves, RS, a secretária de saúde nomeou Jonel Pierre, migrante haitiano, para fazer a interlocução com a comunidade seus conterrâneos que vivem na cidade. Uma forma de melhor acolher os migrantes e melhorar o serviço público. [www.bit.ly/SPM0083]

Políticos e “antipolíticos” tem se aproveitado da crise econômica e do desgoverno para prometerem melhorar as condições de vida da população com concessões, privatizações e estímulo aos “empreendedores”. É preciso estar atento: direitos básicos (educação, saúde, segurança pública) precisam ser garantidos pelo Estado, e não é porque alguém ajudou algumas pessoas necessitadas que isso implica que vai ajudar a mudar o quadro social do país.

Representantes indígenas dos nove países abrangidos pelo bioma amazônico tiveram a oportunidade de denunciar não apenas crimes ambientais, mas também contra a humanidade durante os encontros em torno do Sínodo da Amazônia, que ocorreu entre 6 e 27 de outubro, em Roma. Grupos denunciaram casos de tráfico de pessoas, invasões e conflitos em terras indígenas. “O papa está nos dando uma chance de sermos protagonistas aqui fora, de falarmos sobre isso e quebrar o preconceito e o racismo”, contou ao jornal DW Francisco Chagas, da etnia apurinã. [www.bit.ly/SPM0121]